

Iscte Executive Education sobe 16 posições no ranking do Financial Times

O Iscte Executive Education protagonizou este ano a maior subida mundial no ranking de Open Programs do Financial Times, ao escalar 16 posições e consolidar presença no Top 50 global da formação de executivos.

Em entrevista, José Crespo de Carvalho, Professor Catedrático e Presidente da Comissão Executiva do Iscte Executive Education, sublinha que os resultados refletem uma estratégia assente na internacionalização, proximidade às empresas e capacidade de resposta rápida às novas exigências do mercado. Num contexto marcado pela inteligência artificial, transformação digital, critérios ambientais, sociais e de governação (ESG) e novos modelos de liderança, defende a importância de uma formação executiva mais próxima dos problemas concretos das empresas, com respostas rápidas, aplicadas e capazes de gerar valor nas organizações.

O Iscte Executive Education foi a escola que mais subiu no ranking mundial de Open Programs do Financial Times, com uma subida de 16 posições e reforço da posição no Top 50 mundial. O que explica esta evolução tão expressiva num contexto internacional altamente competitivo?

Trabalho, consistência e foco. Subimos 16 posições, a maior progressão mundial nesta tabela, e reforçamos o Top 50 mundial. No Financial Times, isto significa reputação, mercado e entrega. Dados: 13.º lugar mundial em Participantes Internacionais, 11.º em Localização Internacional, ambos número 1 em Portugal, e Top 25 mundial em Follow-Up, Future Use e Value for Money. O resultado mostra experiência, rede, aplicabilidade e impacto.

O ranking destaca particularmente indicadores ligados à internacionalização, como “International Participants” e “International Location”. Até que ponto a dimensão internacional é hoje um fator decisivo para afirmar uma escola de formação de executivos?

É decisivo. Uma escola de executive education que pensa apenas no mercado doméstico tem pouco horizonte. A gestão não é local: empresas, talento, tecnologia, clientes e riscos são globais. Em Open Programs, estamos em 13.º lugar mundial em International Participants e 11.º em International Location, número 1 em Portugal em ambos. Em Custom subimos ao 31.º lugar mundial, com destaque para overseas



programmes, número 1 em Portugal, e para international clients. Internacionalização é estratégia, operação e presença.

O Iscte Executive Education tem vindo a apostar em programas cada vez mais alinhados com temas como inteligência artificial, transformação digital, ESG e novas competências de liderança. Como é que se constrói uma oferta formativa capaz de acompanhar mudanças que acontecem quase em tempo real nas empresas?

“

A formação e executiva não pode demorar dois anos a responder a problemas que as empresas têm hoje. IA, transformação digital, ESG, liderança e produtividade são sobrevivência competitiva”

Com proximidade ao mercado e pouca paciência para burocracia inútil. A formação executiva não pode demorar dois anos a responder a problemas que as empresas têm hoje. IA, transformação digital, ESG, liderança e produtividade são sobrevivência competitiva. A lógica é simples: ouvir empresas, perceber problemas reais, desenhar respostas rápidas, testar, corrigir e melhorar. Não se trata de mudar nomes. Trata-se de mudar conteúdos, métodos, casos, dados e ferramentas. Se o participante não sai mais capaz de decidir e executar, o programa não serve.

A entrada da Geração Z no mercado de trabalho está a desafiar modelos tradicionais de liderança e aprendizagem. Que mudanças concretas o Iscte Executive Education já identifica nas expectativas dos profissionais e das próprias empresas em relação à formação de executivos?

A Geração Z quer propósito, velocidade, feedback, flexibilidade e sentido. Mas também precisa de estrutura, exigência, resiliência e capacidade de lidar com frustração. Não confundimos adaptação pedagógica com facilitação. As empresas pedem líderes capazes de gerir diversidade geracional, comu-

nicação direta, conflito, autonomia, inclusão, tecnologia, produtividade e responsabilidade. Os participantes querem menos abstração e mais casos reais, ferramentas úteis, simulação, debate, dados e aplicação imediata.

Hoje, muitas empresas procuram formação menos teórica e mais orientada para impacto imediato nas organizações. De que forma o Iscte Executive Education está a adaptar os seus programas a esta necessidade de upskilling e reskilling mais rápido, flexível e aplicado à realidade empresarial?

Fazendo o que a executive education deve fazer: resolver problemas concretos. Mais modularidade, módulos curtos, desenho à medida, desafios aplicados, dados reais e ligação entre sala e empresa. Em Custom, a subida de 13 posições e a presença no 31.º lugar mundial mostram que as empresas reconhecem valor. Follow-Up, Value for Money e Future Use estão no Top 25 mundial. Upskilling e reskilling são aprender depressa, aplicar depressa e corrigir depressa. Queremos gestores que decidam melhor e criem valor. No global, e combinando ambos os rankings, somos quem mais subiu e garantimos a posição combinada do 2.º lugar em Portugal.